A VIDA E AS MORTES DE
SEVERINO
OLHO DE DENDÊ
IAN FRASER

NÃO TENHO MEDO DA

MORTE,

MAS MEDO DE MORRER, SIM. A MORTE É DEPOIS DE MIM, MAS QUEM VAI MORRER

SOU EU.

"NÃO TENHO MEDO DA MORTE",
GILBERTO GIL

UM LIVRO DE

IAN FRASER

A VIDA E AS MORTES DE SEVERINO OLHO DE DENDÊ

UMA ÓPERA ESPACIAL NORDESTINA

Dedico este livro à minha mãe, Puni.
O maior presente que o axé me deu
foi a honra de ser seu filho.

Dedico este livro também a Exu,
que abriu caminhos para que
eu chegasse aqui.

1

MORREMOS DE MORTE IGUAL

Introdução é barril,
e não pode ser banal.
Começar no início
não é lá original.
Prosador que é sagaz
começa já no final.

E o que é início?
Mais um ponto a esmo.
E por onde começar,
se ontem é um sesmo?
Antes do antes, antes.
Só cavar, não é mesmo?

Os "porquês" e os "comos"
mostramos no processo.
Deixar o leitor sem chão,
a chave pro sucesso.
Pode confiar em mim.
Eu garanto. Professo.

Nesta vidinha nossa, muita coisa mudou.
Tecnologia nova, a galáxia conquistou.
Fruto da mudança, veja, o óleo de dendê.
Com seu uso, grandes distâncias podemos vencer.
Novos planetas e espécies, nós conhecemos.
Hoje, entre estrelas e cometas, vivemos.

E é na vastidão da galáxia,
na imensidão do impossível,
que começamos na Terra.
Ó só se isso não é risível.
Seria, não fosse o destino,
fim que parece irreversível.

É lá que achamos Severino,
apelidado Olho de Dendê.
Com um tiro no meio do peito,
ele faz de tudo pra não morrer.
Mas, leitor, não se aperreie, não.
Esse não é o final, pode crer.

MORRER NÃO ESTAVA NOS PLANOS DE Severino. O tapete vermelho e quente que estendia ao cambalear, contudo, não deixava muito espaço para dúvida: ele estava lascado.

Muito lascado.

E para alguém tão acostumado a lidar com a morte, Severino viu-se surpreso com a experiência de seu infortúnio. Conhecia bem o único mal irremediável, perdeu as contas de quantas vezes vislumbrou a brevidade da vida, mas havia algo peculiar em testemunhar aquilo tudo pelo ponto de vista de seu olho direito — olho que Deus deu e que a vida não tirou.

Tem lição que só se aprende vivendo na pele.

A dor, que consumiu seu corpo assim que o disparo se fez ouvir, também escorreu pelo buraco em seu peito, e agora estava perdida no rastro de sangue que Severino deixava pelo galpão daquele laboratório no meio do nada. Ali, era apenas frio e tontura. Ao analisar os fatos, ele riu. Não uma risada espalhafatosa, daquelas que soltava após uma piada engraçada de Bonfim, mas o simples levantar de bochecha de uma alma que, enfim, compreendia uma verdade universal.

Diante da morte, o homem se vê reduzido a tão pouco, pensou Severino.

Reduzido, vai.

Ele sabia que havia incontáveis coisas quebradas dentro dele, coisas que foram estraçalhadas muito antes dos estragos que uma bala muito bem pensada podia realizar. O couro foi perdendo sua tonalidade preta e saudável, efeito da anemia brusca, que roubava dele tudo que tinha para dar. Em pouco tempo, o processo de transformação em poeira cósmica atingiria velocidade máxima, e tudo que restaria dele seriam os cacos de uma vida partida.

Os espólios do efêmero, herança destinada aos vermes.

Como conceito, a morte sempre pertenceu aos outros. Nunca pareceu caber nele. Havia uma parte de Severino que acreditava que a romeira de preto e de gadanha em mãos o tinha deixado para trás e que a vida seria seu estado permanente. Mas agora que a maldita se fazia presente, galgando seus calcanhares, ele questionava a escolha de tal cenário como ponto-final. Se era hora de partir desta para uma melhor, não podia ser no meio de uma micareta? Ou quem sabe em uma rede na beira da praia da Gamboa?

Restou-lhe aquela morte fria, tola e sem graça.

O braço mecânico afrouxou e começou a balançar sem vida. Um dos disparos havia rompido o cabo responsável pela lubrificação de sua prótese. Além de sangue, ele agora vazava óleo. Severino encostou na parede, deu um nó em um dos cabos partidos e resolveu, mesmo que de forma tosca, o vazamento. O braço não respondia aos comandos com a precisão desejada, mas era o suficiente para que pudesse pressionar o peito e conter o sangramento.

Ele tropeçava em direção ao aerocarro. O galpão vazio, contudo, parecia se alongar a cada passo, zombando de sua moléstia. Severino se apoiou em um contêiner metálico e encarou os vários protótipos que a ProPague fabricava em nome da ganância desenfreada. O plano era maior que ele e

sua vidinha insignificante. Havia outras vítimas, cada uma carregando um cifrão em sua lápide.

Aerocarro, pensou. Tudo que restava era sair dali. Não que ele pudesse ir muito longe no estado em que se encontrava, mas não conseguia elaborar um plano melhor naquele momento. Estava só e não havia nada em um raio de duzentos quilômetros, apenas plantações e plantações de dendê.

A cada passo, sentia-se mais fraco, e a única coisa que o mantinha em pé era a teimosia de um coração que acreditava estar prestes a parar de bater, mas que agora parecia querer mais alguns minutos emprestados. Com o fim da linha se apresentando no horizonte do tempo, Severino viu-se ainda mais propenso a seus devaneios de poeta fracassado.

A gravidade sempre foi comparsa da morte, pensou. *Quanto mais a romeira de preto se aprochega, mais o chão ganha força*. Ele se escorou na lateral do imenso portão de metal do galpão e vislumbrou o aerocarro estacionado a apenas alguns metros de onde estava. *Morrer é fácil, basta abraçar a queda.*

Mas do chão não passa. Ele riu ao se lembrar do ditado popular. Pena que, naquele caso, o ditado não se aplicava. Passaria do chão, sim. Sete palmos abaixo, para ser mais preciso.

No entanto, era neto de Avôhai Callado, herói da Guerra Vermelha. Desistir não era algo que estava no seu sangue — não importava quão pouco lhe restava. Por isso seguiu, um pé na frente do outro, até chegar ao veículo. Era um modelo velho de carro aéreo, quadradão, sem rodas ou trem de pouso, com o fundo todo arranhado pelo contato direto com o chão.

Severino desmoronou no banco, e o estofado, já carcomido pelo tempo, rasgou ainda mais. O carro estava caindo aos pedaços — igualzinho ao dono. Com o resto de energia que tinha, enfiou a chave na ignição. Assim que o motor ganhou vida, o rádio ligou.

— Rádio Serendipidade, tocando os clássicos que você precisa ouvir desde 2145.

Então, a inteligência artificial, parte da tecnologia que tornou a Rádio Serendipidade a estação mais sintonizada da galáxia, fez seu trabalho. Nos alto-falantes, a música mais apropriada para aquele momento começou a tocar para Severino:

Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte,
porque apesar de muito moço, me sinto são e salvo e forte.
E tenho comigo pensado, Deus é brasileiro e anda do meu lado,
e assim já não posso sofrer no ano passado.

Severino riu e pensou em Filomena. Se havia uma mulher retada o suficiente para acabar com aquela esculhambação toda, essa mulher era Filó. O homem descansou o braço mecânico sobre o volante e abriu o compartimento que ficava logo abaixo do pulso. Melou um dos dedos da mão direita com o próprio sangue e depositou uma amostra no compartimento aberto. Ao fechar, o braço mecânico começou a vibrar, parte do processo de análise sanguínea. Então, tirou uma lasca de raiz de jurema-preta do bolso da camisa, colocou-a embaixo da língua e esperou.

O coração aquietou, e ele não sabia dizer se aquilo era a morte chegando ou contentamento, mas pouco se importou. Ali, na beira do abismo que chamava de vida, Severino só desejava ter tido a chance de abraçar Bonfim e beijar Filomena uma última vez. Todo mundo merece um adeus.

Seu olho esquerdo, coberto por um tapa-olho mecânico, acendeu em um vermelho intenso, e ele testemunhou mais uma vez o próprio assassinato.

Numa galáxia muito, muito distante, mais especificamente no planeta Cabula XI, onde os dias duram noventa e seis horas e o ano é 2577, vive um humano de nome Severino Olho de Dendê. No passado, um encontro com a morte lhe tirou quase tudo e levou parte de seu coração. Agora, ao lado do melhor amigo, Bonfim, um alienígena malandro e falastrão, ele trabalha como investigador particular e se entrega à boemia nas horas vagas.

Só que Severino não é um investigador comum: no lugar do olho esquerdo, ele tem o Olho de Dendê, um artefato tecnológico extremamente avançado que lhe permite ver os últimos momentos de uma pessoa logo antes de morrer.

Quando a história começa, Severino e Bonfim são chamados para investigar um assassinato suspeito que parece esconder motivações escusas da Federação Setentrional, organização poderosa que governa a galáxia, e dos Carcarás Carmesins, inspetores a serviço da instituição.

Deixemos a dupla de investigadores e viajemos para o planeta Batoidea, onde a capivara geneticamente modificada Antonieta Capitolina Macabéa, uma dedicada Carcará, encontra na cena de um crime, escrito com sangue, um nome que conhece muito bem.

Enquanto a vida desfia seu fio, Severino e seus amigos lutam, riem, amam, choram e acertam contas com o passado. Unindo com maestria ficção científica, referências à cultura pop e elementos da vivência nordestina, *A vida e as mortes de Severino Olho de Dendê* é uma ópera espacial com gostinho de vatapá que celebra o poder da amizade, do amor, da música e da literatura. A edição conta com ilustração de capa e projeto gráfico inspirados em clássicos da ficção científica e pela estética do Movimento Armorial, idealizado pelo escritor e dramaturgo Ariano Suassuna.

SAIBA MAIS:
https://www.intrinseca.com.br/severino-olho-de-dende

intrinseca